

Pai e Bebê ou A Redescoberta do Pai

JOÃO GOMES-PEDRO, FERNANDA TORRAL-GARCIA

Assumimos a nossa quota parte de responsabilidade no enclausuramento do «Pai», pelo nosso lado tão envolvidos andámos, durante anos e anos a tentar descobrir alguns dos mistérios da comunicação mãe-bebê e dos mecanismos primários de favorecer essa comunicação através da nossa intervenção como profissionais de Saúde e de Educação, integradamente.

Duas circunstâncias óbvias por tão evidentes revitalizaram a nossa atenção para o «Pai».

Uma delas tem decorrido da reflexão que fazemos sobre os nossos próprios estudos quando discutimos os nossos dados e tentamos, assim, interpretar e ajuizar factos.

Neste envolvimento reflexivo temo-nos dado conta de que uma das variáveis mais óbvias no desenvolvimento familiar e, nomeadamente, no desenvolvimento e no comportamento do bebê, dentro de cada família é, precisamente, o pai.

Foi, nesta medida, que passámos a integrar o pai nas nossas análises e é neste contexto, também, que planeámos esta pequena reflexão que fundamenta, sobretudo, inquietações clínicas.

A segunda circunstância que apelidámos de óbvia resulta das nossas observações naturais nas nossas próprias casas. Cremos que Piaget terá deixado, a todos nós, esta pequena grande herança de ter vontade de descobrir os nossos mais significativos e que são as crianças amadas dos nossos ecossistemas.

Aconteceu que os dois autores desta reflexão redescobriram o pai através de um filho e de um neto que entraram nas suas vidas num estádio, porventura já serôdio do seu percurso de pediatras identificados que se sentem como intervenientes responsáveis de todas as expressões do desenvolvimento humano.

Que influências têm tido as figuras masculinas no desenvolvimento das nossas crianças, por coincidência rapazes, em cada uma das nossas famílias?

Esclareça-se que as reflexões aqui aduzidas tanto por uma mãe como por um avô se reportam ao papel dos pais de cada uma das crianças que inspiram os respectivos autores.

A nossa impressão, meditada em conjunto é que aquelas influências têm sido enormes, embora um de nós (mãe) se sinta mais livre que o outro (avô) para poder extrair impressões que afinal são emoções, obviamente não testadas sobre dados de observação profundamente assimilados em duas vidas dedicadas à criança, melhor dizendo (em termos científicos) a algumas das variáveis mais envolventes da vida da criança.

Os dois rapazes, cada um mentor desta reflexão solidária mas emergente de vivências familiares, completamente distintas, seriam o que são hoje com seis anos (filho) outro com quatro (neto) sem os envoltimentos masculinos e, fundamentalmente, paternais, que nestes dois exemplos, são de dois pais presentes e intervenientes no quotidiano de cada um?

A literatura destes últimos anos confirma todas as nossas impressões e convida-nos a juntar agora, as nossas recordações, os nossos conhecimentos acumulados, as nossas emoções, os nossos afectos e as nossas expectativas também, para que possamos partir para esta viagem de redescoberta que, de facto, nos apetece fazer, como porventura nunca outra das nossas aventuras intelectuais centradas no desenvolvimento da criança.

Diremos ainda que talvez só agora estejamos capazes de fazer esta viagem.

Efectivamente, seremos especialistas que só na formação pós-graduada e contínua aprendemos a aprender

que as variáveis mais significativas do desenvolvimento humano são as que nunca nos ensinaram na nossa licenciatura, são as que não figuraram nos capítulos dos tratados que estudámos e são as que, porventura, só recentemente começámos a juntar, qual puzzle da vida, revisitando factos da vida e descobrindo agora, com outra competência e, sobretudo, com outra sensibilidade, as ocorrências mais rudimentares do nosso dia-a-dia e que vamos aprendendo a saber que são elas, afinal, as que fazem a diferença, porventura também nos dois rapazes das nossas vidas.

Após esta introdução, algo provocatória poder ser, por enquanto, mais pessoal que científica, sentimos que estará a ser um atrevimento não termos equacionado ainda as balizas ou os objectivos desta reflexão.

Que pai estamos a tentar redescobrir?

Em que cultura nos estamos a situar?

Identificamos pai tão só com a figura-presença masculina?

E se sim reportamo-nos ao pater biológico ou à figura parental masculina, companheiro da escolha materna?

Que conceptualizações teóricas inspiram a nossa reflexão nomeadamente sob o ponto de vista evolucionista, ecológico, económico, político ou religioso?

De que modo a ciência do desenvolvimento tem marcado o nosso saber, sobretudo expressa em dezenas de investigações só para citar as mais sólidas e, por isso, mais significativas?

Que padrões marcam a nossa reflexão quando decidirmos pensar sobre o efeito pai no desenvolvimento das famílias a que cada um de nós pertence?

Que estratégia, então assumir, para traduzir o que afinal, deve ser, cada expressão da nossa experiência?

Acreditamos, de facto que, pelo menos, o nosso escrito deverá ou deveria ser, tão só, o produto de uma vivência clínica e científica solidária e motivadora, de modo a incitar mais investigações que consubstanciem, no futuro, algumas das interrogações que, nós próprios, também aqui quereríamos deixar.

Deixem-nos só dar dois exemplos que gostaríamos de identificar com interrogações do nosso cognitivo e do nosso mundo emocional.

Quando o Pedro e o Tomás, cada um no seu ecossistema, são confrontados com vivências partilhadas seja da vida cultural, seja da vida desportiva ou ainda das simples descobertas de rua e, face a essas verdades surgidas do quotidiano da vida familiar, eles prescrutam de imediato a expressão, o semblante de cada um dos pais, interrogando para confirmar, confrontando para assumir, em linguagem não verbal de que todos se apercebem, incluindo a mãe, o que fundamenta e sustenta esta interacção e todas estas emoções?

Quando um telefonema a certa hora do dia, ou uma chave roça, mesmo ao de leve, o labirinto férreo de uma fechadura, o que representa o parar de toda uma actividade, a excitação de uma expectativa, a alegria de um olhar e de uma actividade motora? O que representa para a mãe este deslumbramento que não se repete com mais ninguém, mesmo com ela, ali também absorta e enigmada por esta força que ela sabe existir e não compreende, por esta força que também não lhe é indiferente, por este mistério que mora nesse triângulo mágico da comunicação?!

Qual é, de facto, a força do pai no desenvolvimento de cada criança e de cada família?

Na impossibilidade de abranger todas as circunstâncias e determinantes dessa força, deixem-nos fazer partilhar algumas revisitações pessoais que acreditamos poder motivar mais alguns nesta viagem de redescoberta do pai...

A primeira revisitação que nos apetece fazer tem a ver com as fortíssimas recordações de um de nós na África Ocidental, mais propriamente na Guiné. A presença dos da nossa geração num serviço militar obrigatório, interveniente numa guerra injusta, representa hoje quase um assunto tabu a que, de certo modo, não será estranha a condição masculina progressivamente mais fragilizada não deixando, pelo menos, historicamente, reter a mensagem dum handicap de três anos, sofridos num dos períodos porventura mais sensíveis e determinantes da vida. Não obstante esta tão evidente quanto esquecida realidade, alguns de nós puderam aproveitar aquele tempo sofrido e ganhar a extraordinária riqueza da cultura africana.

A família fula vive numa sociedade rural quase exclusivamente agrícola. As crianças vivem no seio de uma família alargada tipo clã em que domina um homem polígamo que exerce poder partilhadamente com justiça.

Apesar da preponderância social masculina, o homem enquanto pai tem sido apresentado como exercendo um quase nulo envolvimento parental.

Julgamos não ser correcto este conceito.

É o pai que guia e lidera as relações sociais dos seus filhos. As regras sociais dentro do próprio clã familiar combinam-se e estendem-se para as outras relações entre famílias e extravasam mesmo a ordem social de cada tabanca.

Saído, um chefe de clã de uma das tabancas do norte da Guiné, convidou-nos um dia para a festa de «baptizado» da sua filha com um mês de nascida.

O convite, todo formal, era acompanhado de uma descrição completa das regras da festa.

Saído foi o mestre de cerimónias e era ele que orientava a participação hierárquica de cada uma das suas

mulheres. Discretamente, dava, com a cabeça, sinal aos músicos que tocavam melodias fantásticas em cítaras feitas de cabaças ocas.

Só então passámos a perceber o papel do pai social e desta enorme força educacional no equilíbrio da cultura africana.

Aliás este papel social é o que legitima as várias configurações parentais masculinas quando equacionadas em termos transculturais.

É assim que o papel do pai (Pater) foi e é universalmente reconhecido em todas as culturas se bem que nem sempre seja o pai biológico a desempenhar esta função. O irmão da mãe no Botswana, o avô no Vietname e, nas sociedades ocidentais de hoje, os companheiros da mãe, desempenham, ainda que com expressões diferentes, o papel de «pai social» ou na conceptualização ainda mais recente, o de «pai emocional». É neste contexto que Pruett ⁽¹⁾ defende que a investigação futura sobre esta matéria se deva debruçar, primordialmente, sobre o «efeito-pai» mais reportado ao pai da vida que propriamente ao pai do berço ou biológico. É a criança, aliás, que designa a paternidade emocional porque é em função do vínculo fundamentado numa construção de afectos que se desenvolve o constructo emocional da paternidade que, por sua vez, sistematiza, progressivamente, os desempenhos e as representações sociais.

É fantástico como os bebés, logo nas primeiras semanas de vida, exteriorizam as representações que vão fazendo dos seus progenitores.

As investigações do grupo de Brazelton nos anos 70 e de Yogman nos anos 80 com filmagens vídeo de bebés reagindo à aproximação tanto dos seus pais como das suas mães revelam o quanto e o como é discriminado de forma tão competente por bebés logo às seis semanas de vida, antecipando mesmo respostas motoras e verbais previamente à interacção propriamente dita.

Temos observado atentamente algumas destas reacções protagonizadas pelo Pedro e pelo Tomás.

Tanto um como outro, os pais do Pedro e do Tomás são pais «residentes», participativos e envolventes do quotidiano dos seus filhos.

Temos estado muito interessados no estudo de alerta e na importância deste alerta na construção do eu de cada criança.

O pai do Tomás habituou-o a explicações direi que quese exaustivas sobre tudo o que vai acontecendo na rotina da vida do Tomás e que, por qualquer razão, lhe prende a atenção.

Deste modo, o Tomás passa das brincadeiras «malucas» (que não tem com a mãe) para longas audições emocionalmente tão ricas, explicatórias de cada fenómeno que surge na casa ou na rua e que, por vezes, são como

«remédio santo» para as irritações, birras ou tão simplesmente variações menos organizadas dos estádios do comportamento.

Não conhecemos hoje totalmente os efeitos potenciais destas modelações do alerta que por exemplo o Tomás tem com o pai e que não se repetem com mais nenhum membro da família.

Esta modelação do alerta é, aliás, regulada por uma comunicação de responsabilidade.

O pai do Tomás, desde bebé de dias, explica tudo ao Tomás como explicaria a um juiz ou a um médico num desenvolvimento anamnésico do saber, reassumido em cada nova descoberta.

O sentido do sério e do responsável será ele uma responsabilidade do pai, geneticamente inscrita ou socialmente prescrita?

A história do Pedro e do seu Pai é diferente.

Pedro foi um bebé pré-termo, de 800 gr, com um internamento nos primeiros 4 meses de vida, várias vezes com prognóstico muito reservado.

O seu Pai, tenor, tocava-lhe apenas com o indicador, dedo em que o Pedro fazia prensão palmar mais ou menos firme consoante o seu estado clínico; e cantava-lhe pequenas áreas de ópera, suaves como canções de embalar.

Quando o Pedro ficava sozinho na sua incubadora, os Pais deixavam-lhe um pequeno gravador com casetes dessas árias ou de outra música clássica; e as enfermeiras já sabiam que se ele chorasse, acalmava com a música.

O Pedro vingou e hoje, com 6 anos, canta quase ao despique com o Pai, as mesmas áreas de ópera.

Ao longo destes anos, as ditas áreas que lhe eram cantadas na incubadora, continuaram a ter um efeito apaziguador quando de pequenas doenças ou dificuldades em adormecer, como se tivesse ficado um «imprinting» desses tempos precoces.

E talvez venha também a ser tenor...

A terceira revisitação que não quereríamos deixar de trazer a esta colecção sobre o pai é a dos nossos próprios dados de estudo, já fora do meio natural das nossas famílias.

Temos estado a querer dizer que os bebés desde muito cedo reconhecem a diferença das interacções que têm com as figuras mais significativas da sua família e não só as reconhecem como antecipam o prazer e a expectativa dessa comunicação, privilegiando uma ou outra de acordo com o seu estado de espírito e as suas opções comportamentais.

Neste mesmo contexto, toda a literatura contemporânea sustenta que o pai não é menos importante nos cuidados que presta aos seus filhos, quaisquer que eles sejam, não obstante o modo e o contexto distintos na expressão desses cuidados.

Poderíamos dizer que o homem também nesta área funciona de modo diferente – nem melhor nem pior – mas essencialmente distinto. Para além desta diferença, também a literatura destes últimos anos nos tem revelado que o «afastamento» biológico do pai durante o nascimento e nos primeiros meses de vida (o que tem sido apelidado por alguns de quatro trimestre da gravidez), não tem favorecido a qualidade daquela diferença hoje reconhecida como directamente proporcional aos determinantes de favorecimento precursores da vinculação e da comunicação emocional pai-bebé.

É nesta área que têm incidido algumas das nossas intervenções de estudo que, nomeadamente nos fazem crer, a partir dos nossos resultados, que por exemplo uma simples consulta pré-natal favorece posteriormente as intervenções masculinas face à saúde dos seus filhos e aos seus tempos de brincadeira.

Do mesmo modo também, num outro dos nossos estudos, pudemos constatar que a intervenção de cuidados revelada pelos pais com os seus filhos entre os 3 e os 6 anos de idade estava directamente correlacionada com os tempos de brincadeira durante o primeiro ano de vida.

Dito de outra forma a riqueza do diferente dependerá (aqui também) com a oportunidade do precoce.

A quarta e última revisitação nasce da nossa experiência e, também, da nossa preocupação clínica.

Estamos em crer que a vulnerabilidade da condição masculina na nossa sociedade constituirá uma das grandes evidências sociológicas do novo século a merecer uma reflexão profunda tendente a uma nova compreensão do significado do papel da família nos tempos actuais e, nomeadamente, da sua disfunção.

O pai, na nossa sociedade, hoje ainda não suficientemente envolvido numa preparação pré-natal, ainda não participante sistematicamente activo em toda a dinâmica e vivência do parto, ainda arredado da simbiose mãe-bebé no primeiro trimestre de vida do bebé e, para mais, «outsider» nas famílias monoparentais em que, na maior parte das vezes, funciona como parceiro furtivo da criança, seu filho, nas disponibilidades jurídicas que lhe são deixadas, não tem oportunidade de construir o seu vínculo, não chega a adquirir a auto-estima que só a paixão do apego confere e, desencantado e só, não encontra sentido de coerência na vida e desiste.

Constatamos hoje que esta desistência é algo que encerra o ciclo da solidão do Homem, parte da civilização do stress.

A vulnerabilidade da condição masculina muito favorecida pela luta da emancipação das mulheres, nunca mais parou de crescer e estará a atingir, nos nossos dias, o limiar da adaptabilidade emocional.

Um pai dum bebé de poucos meses de vida, já separado da sua mulher, dizia-nos no outro dia, entre o céptico e o revoltado:

– «Oh Senhores Doutores, a minha fantasia deve ser enorme – a minha filha só me vê de quinze em quinze dias, olha para mim, brinca comigo e até parece gostar de mim. Como é que é possível se tudo fizeram para nos tornarem estranhos um ao outro?!...»

Para este pai, a sua filha constituía o último reduto a conferir-lhe coragem e força de pai. Era como se lhe dissesse: «Pai não desistas, luta por mim porque eu preciso de ti!»

A irresponsabilidade do pai tão proclamada hoje, é um mito.

Todos somos irresponsáveis face ao que não amamos ou ao que não nos deixam amar.

A investigação desta última década é bem representada pelo estudo longitudinal de dez anos levado a cabo por Pruett ⁽¹⁾ recentemente publicado.

Avaliadas ao fim do primeiro ano as crianças em que os pais homens foram os seus cuidadores primários, verificou-se que eram crianças activas, robustas, com óptimos índices de desenvolvimento somático, psíquico e emocional. A grande maioria daqueles bebés revelou competências acima das expectativas em diversas dimensões particularmente nas que envolviam a resolução de problemas adaptativos, nomeadamente sociais.

Esta adaptabilidade social e, sobretudo, emocional, foi depois comprovada ao fim de cinco anos de estudo.

De um modo geral, poderá concluir-se:

1. O pai como prestador primário de cuidados assegura as necessidades essenciais da criança e esse favorecimento parece ser particularmente potenciado pela precocidade do seu envolvimento com os filhos e pela presença efectiva do outro parceiro parental.

2. O envolvimento emocional do pai tem profundas conexões com as suas percepções e expectativas nomeadamente relacionadas com o seu próprio passado familiar.

3. A dinâmica interactiva do sistema de causa-efeito na vida de relação pai-filho está profundamente dependente da qualidade do vínculo, sistematicamente reforçado pela oportunidade e responsabilidade dos cuidados prestados.

4. Os efeitos no pai resultantes da satisfação de cada criança que é amada e bem cuidada, quando há reconhecimento social do envolvimento paternal, são patentes

em múltiplas dimensões da sua vida de homem, nomeadamente nas suas responsabilidades de parceiro social e de membro de uma família.

Em suma, cremos ser necessário que os profissionais de Saúde e de Educação se preparem para os novos estatutos da família e para as necessárias estratégias de intervenção que visam reconferir ao pai o seu sentido de coerência perante a vida, em função do seu papel de pai.

Redescobrir, assim, o pai, será, decerto modo, redescobrir-mo-nos, também, como Pediatras.

BIBLIOGRAFIA

1. Pruett KD. How men and children affect each other's development. *Zero to Three*. 18; 1: 3-10, 1997.